

A Fangureira

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F A O

Composição e Impressão: Tip. gráfica «Vitória»
BARCELOS — Telefone 3133

Com vibrantes manifestações de entusiasmo foi recebido na sua passagem pelo Concelho o Senhor PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Foi de rara beleza e transbordante entusiasmo a recepção prestada ao venerando Chefe do Estado, Senhor Almirante Américo Tomás, na sua passagem pela freguesia de Forjães, deste concelho, a caminho de Viana do Castelo. Pode francamente afirmar-se que o nosso concelho traduziu apoteoticamente a sua estima e o seu carinho pela figura prestigiosa e veneranda do Senhor Presidente da República. O local estava primorosamente decorado e não lhe faltou a graciosidade das senhoras do concelho e das entidades mais representativas.

A aguardar o Supremo Magistrado da Nação e comitiva, estava à frente das autoridades e povo concelhio, o dr. José Gonçalo Correia de Oliveira, secretário de Estado do Comércio que quis, como esposendense que se orgulha de ser, vibrar com os seus conterrâneos na manifestação sincera, espontânea, rubra ao primeiro Cidadão português.

Presentes, também, os senhores António José da Costa Leme e dr. Agostinho Reis, respectivamente presidente e vice-presidente do Município esposendense; dr. Artur Barrote, presidente da comissão concelhia da U. N.; dr. Joel Magalhães, subdelegado de saúde; tenente João Sousa, delegado marítimo; dr. Luís Garcia, Juiz da Comarca; delegado do Procurador da República; drs. Mota Campos e Silva Dias, respectivamente, conservadores do Registo Predial e Registo Civil; eng. Alegria Martins, director dos Serviços de Urbanização do distrito; toda a verreação da Câmara Municipal, funcionários públicos, professores primários, Casas do Povo, párocos, Juntas de freguesias, agremiações desportivas, alunos das escolas primárias, muitas senhoras e compactas massas de povo.

A concentração fez-se junto do cruzamento da estrada nacional Barcelos-Viana com a estrada camarária que vai ligar à estrada nacional Porto-Viana, sendo a chegada do Senhor Presidente da República assinalada pelo ribombar duma girândola de foguetes.

A guarda de honra era formada pelas corporações dos Bombeiros Voluntários de Esposende e de Fão e pelos grupos folclóricos Sargaceiros de Apúlia, Ronda de Vilachã e Rodrigues Sampaio de Mar, tendo a banda dos Bombeiros Voluntários de Esposende tocado marchas de saudação.

Após os cumprimentos apresentados pelas autoridades ao Senhor Almirante Américo Tomás, o ilustre Marinheiro dirigiu-se a pé, entre calorosíssimas ovações e debaixo duma chuva de pétalas lançadas por raparigas do campo, para uma tribuna erguida junto às escolas Rodrigues de Faria, onde se realizou uma breve mas colorida e vibrante sessão de saudações.

O Chefe do Estado tomou a presidência, ladeado à direita pelo coronel Arnaldo Schulz, ministro do Interior e dr. José Gonçalo Cor-

(Continua na página 5)



ALMIRANTE AMÉRICO TOMÁS

Tenente Muñoz de Oliveira

No passado dia um reuniu-se no Hotel «Suave Mar» de Esposende um numeroso grupo de amigos do tenente Alfredo Artur Muñoz de Oliveira, que nesse dia abandonava as funções de Director da Estação Naval da Apúlia.

Há cinco anos e meio que o distinto oficial da nossa armada exercia essas elevadas funções com um aprumo e dedicação tais que lhe grangearam o respeito e admiração de todos os habitantes deste concelho.

As obras materiais realizadas na Estação, como a piscina, campos de jogos e parque infantil; a obra de preparação espiritual e técnica desenvolvida em todos os seus subordinados tornaram-no credor da estima que lhe votavam todos os que com ele tiveram o prazer de conviver.



Não admira pois que nesse dia, ele visse à sua volta em ambiente, ao mesmo tempo alegre e triste, a tristeza da despedida aliava a alegria de o ver dar mais um passo na sua brilhante carreira, alguns dos seus amigos e admiradores, que em jantar íntimo lhe quiseram testemunhar toda a sua consideração. Ali estiveram presentes, o Presidente e Vice-Presidente da Câmara, Presidente C. da U. N., Dr. Eduardo Regado, Vereadores Carlos Martins e Pinheiro Borda, Dr. Torres, Manuel de Boaventura, Chefe da Repartição de Finanças, Manuel Silva, Américo Vieira, Artur Rego, Artur Sobral, Director de O Fangureiro e muitos outros que em sentidos brindes patentearam o apreço em que por todos era tido o tenente Muñoz de Oliveira.

Foi um acto de justiça esta pequena homenagem. É que além de oficial distinto, de dirigente inteligente e aprumado, o tenente Muñoz era ainda um fino cultivador da vida social neste pequeno concelho. Todos focaram esta faceta do seu temperamento e lembraram os momentos agradáveis que passaram no seu convívio.

Terminou essa pequena homenagem, a todos os títulos devida, e dificilmente se poderá apagar da memória dos presentes a figura de fino porte do tenente Muñoz.

Todos lhe auguraram e desejaram as maiores felicidades, a ele e sua família e de todas essas vezes se faz eco O Fangureiro desejando ao amigo e colaborador as maiores venturas para si e sua família nas missões a que foi chamado.

Colónia Balnear de Fão

UMA análise circunstanciada à terra de Fão, entendo eu que a sua Colónia Balnear representa um factor de considerável influência nos múltiplos sectores em que se diversifica a sua actividade.

O banhista de Fão atraído, a princípio, pelos encantos naturais da praia, estende, a breve trecho, a sua estima por sobre todo o bairro, e cedo se converte num grande e incondicional amigo, mas um amigo que se traduz.

Quase todas as grandes obras cá realizadas, foram, quando erguidas por esforço colectivo, custeadas parcialmente por membros da sua Colónia Balnear.

Não há muito tempo um dos seus ilustres membros, ao entregar-me o original dum precioso estudo que está realizando sobre a «Villa Nuncupata Fano», e que o nosso jornal tem vindo a publicar, dizia-nos: «é o meu contributo para o Milenário».

Como definir o Grupo dos Amigos de Fão? Trata-se de um agrupamento dirigido por pessoas de fora, que procura, por obras e outros meios, contribuir para o engrandecimento da nossa Terra. O seu amor a Fão é indesmentível.

Se me interrogassem sobre quem seria actualmente o maior agente de propaganda da Terra de Fão, eu não hesitaria um segundo em mencionar o nome da Colónia Balnear. Vivendo em localidades distantes, exercendo os mais variados mesteres, os seus membros apresentam Fão aos seus amigos, falam dela aos familiares, escrevem sobre a sua maravilhosa praia, discutem questões de primazia, recebem com requintes de fidalguia novos banhistas que todos os anos aqui surgem e que breve experimentarão o ambiente da «sua casa»; contribuem, em suma, para expandir por todos os cantos do País o nome da terra fangureira. E quando aqui «re-

VARANDA DA PÓVOA DE VARZIM

Problemas da aldeia

NESTES dias caniculares a aldeia, é um refrigerio do corpo e do espirito... São muitas as famílias que durante alguns dias vivem a vida sãdia do campo, tomando contacto com a natureza. Assistem aos intensos trabalhos da lavouira, que vão desde a arrancada do linho, até ao cuidado posto no cultivo do milho. Por isso a aldeia nesta época é sempre admirada pelo seu bucolismo.

A actividade da sua gente vai desde o romper da alva até ao anoitecer, sendo digna de admiração.

É justo que alguns dos seus magnos

problemas sejam resolvidos, pela generosidade posta pela sua população no progresso do concelho.

No lugar onde me encontro, nesta pitoresca freguesia de Terroso, ainda não existe luz eléctrica e as suas estradas municipais encontram-se em péssimo estado. Dois melhoramentos há muito reclamados e, que julgam que jamais terão efectivação. Que a fé os anime e, que este cômputo de necessidades sejam uma realidade a bem do progresso desta freguesia, é o que desejam todos os que admiram as virtudes de trabalho da sua boa gente.

APONTAMENTOS

Disputou-se um encontro de futebol entre o Varzim e Ferrovários de Lourenço Marques, que terminou com a vitória dos poveiros, por 2-1. Os laurentinos foram festivamente recebidos, tendo-se efectuado uma sessão de boas-vindas no salão nobre da Câmara Municipal.

— Encontra-se doente, o Sr. Dr. Pinto de Vasconcelos, vice-Reitor do nosso Liceu. Ao distinto Professor, fazemos votos por um pronto restabelecimento.

— Em visita à Companhia Industrial de Cordoaria Têxtil e Metálicas "Quintas & Quin-

tas", esteve o Senhor Professor Engenheiro Ferreira Dias, ilustre Ministro da Economia.

— Consorciou-se nesta vila, a menina Maria Alice de Aguiar Quintas, gentil filha da Senhora D. Ana de Aguiar Quintas e do Sr. José Alves Quintas, com o Sr. Pedro Afonso de Oliveira, industrial em Luanda.

— Na Escola Industrial e Comercial, esteve patente ao público uma interessante exposição de trabalhos escolares.

— Em visita particular esteve há dias nesta praia, o Sr. Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, sub-secretário de Es-

tado da Educação Nacional.

— O Sr. Tenente-Coronel António da Conceição Marcelino, Comandante do 1.º Grupo de Companhias de Administração Militar, proferiu no salão nobre do Clube Naval Povoense, uma sugestiva conferência, subordinada ao tema "Filosofia e Psicologia do Humorismo".

— Encontra-se nesta vila o Curso dos Altos Comandos, destacando-se entre os distintos oficiais aqui presentes, os Srs. Coronel Santos Costa, antigo Ministro da Defesa Nacional, e General Gomes de Araújo, antigo Ministro das Comunicações.

C.

Frequente a encantadora praia de Fão

gressam" em meados de Julho, princípios de Agosto, eis que as ruas se animam, adquirem cor, movimento e vibração, há risos e alegria na nossa terra; costuma dizer-se até que Fão torna a viver.

Esta preferência pela nossa praia, esta visita assídua, necessariamente que obriga a uma atitude de agradecimento por parte dos moradores do bairro. Acorre-me, por isso, perguntar, sobre o que se tem feito cá em casa no sentido de se estreitar com retribuição esta amizade. Sim, que os amigos estimam-se! E por mais que alongue o olhar não lóbro, nem ao longe, nem ao perto, qualquer acto público efectuado por Fão em homenagem aos frequentadores da sua Praia, muito embora eu verifique o empenho de certas famílias em criar laços de verdadeira estima com alguns membros da Colónia, a preocupação de certos responsáveis em conseguir instalações e locais de diversão apropriados, a solicitude dos fangueiros para com os banhistas. No coração dos habitantes desta terra vive latente uma vontade de retribuir que se expressa nos mais variados modos.

Sendo assim porque se não procura prestar uma homenagem oficial à nossa Colónia Balnear neste verão do Milenário Fangueiro?

É natural que possa perguntar-se: como realizar essa homenagem? Eu sugeriria o

seguinte: conceder a medalha de cidadão fangueiro a todos os chefes de família que este ano frequentem pela décima vez ou mais, a nossa praia. Já expus esta ideia a pessoas amigas e todas acordaram comigo. Parece-me até que este desejo de atribuir a cidadania fangueira vem "legalizar" a situação daquelas famílias que tendo mandado construir na nossa terra uma casa, aqui passam as férias de Verão, Natal e Páscoa, e quase todos os fins de semana.

É lógico que o enunciado desta homenagem provoque o aparecimento de certas pequenas questões, tais como: a) Porque 10 e não 9, 8 ou 5 anos? b) Só chefes de família? c) Essa frequência deve ter sido ininterrupta? É claro que se trata de ligeiros pormenores a resolver adentro do espirito que anima esta nossa ideia.

E porque está provado que para se efectuar alguma coisa em Fão não basta escrever, nós interviremos pessoalmente na realização da dita homenagem.

Deste modo solicito da Excelentíssima Junta a concessão da invocada cidadania e para todos aqueles que me quiserem ajudar eu desde já declaro que o seu auxilio me será precioso.

A BEM DE FÃO

A. Saraiva

Abílio Gaiolas

Tivemos o grato prazer de abraçar o nosso querido amigo Sr. Abílio Gaiolas, aspirante de Finanças em Moimenta da Beira. Abraçar este grande admirador da nossa terra é evocar Fão de outros tempos: o inesquecível Ernisteno, Pelica, Penetra, José Carvalho e tantos outros que deram vida, fama e harmonia ao vulgo fangueiro. Abílio Gaiolas, ainda gentleman, ainda cavaqueador exímio, falou-nos de épocas idas, teve palavras de grande admiração para o nosso Jornal e procurou inteirar-se do futuro de tantos amigos que aqui deixou.

Auguramos a este nosso ilustre assinante as maiores felicidades para si, para os seus e que volte sempre até nós.

Conferência

Por iniciativa do Comando Distrital da Legião Portuguesa, de Braga, profere, no próximo dia 19, pelas 21 horas, no Cine Clube de Esposende, uma conferência subordinada ao tema «A Defesa Civil do Território, sua necessidade e objectivo», o distinto oficial do Exército, Ex.º Sr. Tenente Albino Pedrosa Viana, nosso ilustre confratâneo e Colaborador.

Agradecemos a gentileza do convite.

Pelo Hospital

Foi internada, no dia 5, no nosso Hospital, a fim de ser submetida a uma pequena intervenção cirúrgica, a Sr.ª Albertina Rodrigues Martins, esposa do Sr. João Baocelista. A doente foi tratada pelo ilustre clínico e Director daquele estabelecimento hospitalar, Senhor Dr. Artur Jorge Barrote.

Reunião Ordinária da Câmara DE 30 DE JUNHO DE 1959

VEREADORES:

OFÍCIOS:

1.º — Do Presidente da Junta de Freguesia de Curvos

Comunica que no caminho vicinal a bifurcar com a Estrada Nacional n.º 305 e a estrada camarária daquela freguesia, no sítio de "Costoiras", se torna indispensável a construção de um aqueduto, porquanto na quadra das chuvas torrenciais, torna aquele caminho intransitável, e causa grandes prejuizos nos terrenos bravios adjacentes ao mesmo, principalmente no terreno denominado "Bouça de costoiras", do proprietário Américo Gonçalves de Matos, residente na mesma freguesia. Assim, pede para que seja passada licença àquele proprietário construir, a expensas suas, o aqueduto indispensável, que viria a servir de drenagem às propriedades sitas no referido caminho e a proporcionar mais facilidades ao trânsito.

Informe-se a Junta que esta Câmara passará a licença desde que o interessado o requeira.

2.º — Do Presidente da Câmara Municipal de Braga

Apresenta cumprimentos e felicita esta Câmara pela eleição com que decorreram neste concelho, a recepção a Sua Excelência o Senhor Presidente da República que constituiu, sem dúvida alguma, uma grande manifestação de fervor patriótico e fé nacionalista. Aproveita ainda a oportunidade para agradecer, penhoradamente, a colaboração desta Câmara nas manifestações realizadas na cidade de Braga, quando da visita de Sua Excelência o Senhor Presidente da República

Agradeçam-se as palavras amáveis do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga.

Requerimentos

1.º — De Manuel Martins, da freguesia de Belinho

2.º — De Manuel Rodrigues Lapeiro Júnior, da freguesia de Antas

3.º — De José Rodrigues Lapeiro Júnior, da freguesia de Antas

4.º — De Albina Rodrigues do Vale, da freguesia de Antas

5.º — De António Ramos Oliveira, da freguesia de Fão

6.º — De Américo Rodrigues da Silva, da freguesia de Gandra

7.º — De Joaquim Almeida dos Santos, da freguesia de Forjães

8.º — De José Miranda Torres, da freguesia de Forjães

9.º — De Elvino da Cruz Pinto Brochado, da freguesia de Forjães

10.º — De Manuel Martins do Monte, da freguesia de Gandra

11.º — De Américo Gomes Vidal, da freguesia de Apúlia

12.º — De Alexandrina Fernandes Eiras, da freguesia de Apúlia

13.º — De Roberto da Silva Razão, da freguesia de Forjães

14.º — De João Rodrigues Vilarinho, de Esposende

15.º — De António Cardoso Martins Sapateiro, da freguesia de Marinhas

16.º — De António Rodrigues da Silva, da freguesia de Palmeira

17.º — De Vicente Mahiques Senti, da cidade de Barcelos

18.º — De Albina Parente, da freguesia de Marinhas

19.º — De Margarida Amélia Ferreira de Carvalho, da cidade de Barcelos

20.º — De Fernando Fernandes da Cruz, da freguesia de Curvos

Deferidos

21.º — De António Alves Ribeiro, da freguesia de Marinhas

Indeferido em virtude de se encontrar fora da zona industrial deferida pelo ante-plano de urbanização da vila, que a Câmara é obrigada a respeitar, nos termos do decreto-lei n.º 35.931.

22.º — De António da Conceição, da freguesia de Apúlia
Proceda-se à vistoria complementar nos termos da portaria 6065.

Processos de internamento de doentes:

Foram presentes os processos de internamento dos doentes: António Gonçalves da Costa, da freguesia de Antas; Maria Gonçalves Pereira, da freguesia de Belinho; Rogério Ma-

Residência paroquial

Com a presença de Sua Ex.^a Reverendíssima o Snr. Arcebispo Primaz e autoridades locais, será benzida no próximo dia 19, a nova residência paroquial.

Do programa fazem parte, entre outros, os seguintes números:

Às 9 horas -- missa cantada, aplicada por todos os que concorrerem para a residência, e 1.^a comunhão de várias dezenas de crianças.

Às 16 horas — espera de Sua Excelência Reverendíssima, no limite do concelho de Esposende-Barcelos, o qual, em cortejo, seguirá para o Salão Paroquial, onde se realizará uma sessão solene de boas-vindas, em que falarão vários oradores.

No fim da sessão, e devidamente paramentado, Sua Ex.^a Reverendíssima seguirá em procissão para a Igreja Matriz, onde, depois de administrar o Santo Sacramento do Crisma, presidirá a um solene TE-DEUM de acção de graças.

A seguir, proceder-se-á ao acto simbólico da inauguração e bênção da nova residência paroquial, onde será servido um « copo d'água ».

Irmã Superiora do Hospital de Fão

Por ter sido submetida a uma operação, encontra-se retida no leito a Irmã Superiora do nosso Hospital a quem *O Fanguero* deseja um pronto restabelecimento.

Quando tomava banho

Quando tomava banho, no rio, sofreu um profundo e extenso golpe na mão esquerda, o Snr. Eduardo Soares Pereira que, transportado imediatamente ao nosso hospital, foi ali socorrido pelo distinto clínico Snr. Dr. António Torres.

nuel Rites Sacramento e Conceição das Dores Fernandes Portela, ambos de Esposende; Emília Fernandes Gaifém, da freguesia de Fão; Maria Adelaide Alves de Miranda, da freguesia de Gemeses e Rosa Abreu Ribeiro, da freguesia de Marinhãs. Tem junto parecer da Comissão Municipal de Assistência, segundo o qual os doentes devem ser inscritos no escalão A.

Processo para abono de transporte a um doente:

Foi presente o processo de abono de transporte para tratamento à doente, Maria do Carmo Sousa Miranda, da freguesia de Gemeses. Tem junto parecer da Comissão Municipal de Assistência, segundo o qual deve ser concedido o abono de transporte solicitado.

Processo de ocupação do rés do chão de um prédio:

Foi presente o processo de vistoria ao rés do chão de um prédio, sito no lugar de Areia, da freguesia de Apúlia, em nome de António da Conceição, para efeito de comércio. Está junto o auto de vistoria em que os peritos dão o rés do chão do mesmo prédio como em condições de ser ocupado como estabelecimento comercial.

Passe-se a licença de ocupação

Reparação do Posto da Guarda Nacional Republicana de Esposende:

Tendo-se verificado no decorrer das obras de reparação no Posto da Guarda Nacional Republicana desta vila, a execução de diversos trabalhos que não foram incluídos na primeira proposta apresentada pelo empreiteiro António Alves Ribeiro, pelo mesmo foi apresentada uma proposta adicional à primeira, pela qual o mesmo empreiteiro se propõe realizar os referidos trabalhos pela importância de 5.400\$00 e que constam de: soalhos novos, incluindo vigamentos de eucalipto; restauro de tabiques, roda-pés, faixas e portas interiores; arranjo da porta da escada; e mudança da escada de pedra existente no lado norte para o lado nascente.

Adjuque-se a obra ao empreiteiro António Alves Ribeiro pela importância de 5.400\$00.

Certificado

Foi presente um certificado da importância de 15.500\$00, passado a favor do empreiteiro, José António Meira de Castro, residente na freguesia de Forjães, e respeitante à obra de « Alargamento e rectificação de parte da Avenida Marginal de Esposende (em frente do Hotel Suave-Mar — 6.^a fase.

Pague-se

Desastre mortal

Quando podava um pinheiro, e porque se desequilibrasse, estatelou-se no solo o Snr. Américo Gomes da Costa, que transportado ao Hospital faleceu momentos após ali ter dado entrada.

Contava apenas 47 anos e era um exemplar chefe de família. A sua morte causou geral consternação.

Doente

Tivemos conhecimento de que se encontra gravemente enfermo, no Brasil, o nosso conterrâneo Snr. Amândio Alves dos Reis, comandante da Marinha Mercante Brasileira, pai do nosso assinante Snr. Carlos Reis, distinto funcionário superior de Finanças.

Que tenha rápidas melhoras são os nossos votos.

Aniversários

Fizeram anos:

JULHO

Dia 1—Celestino da S. Brandão.
Dia 6—D. Palmira de F. Borda.
Dia 7—D. Maria Edith Carneiro Fernandes.

Dia 8—Padre Alberto da Rocha Martins.

Dia 10—D. Emília Assunção Matias.

Dia 11—D. Aida Martins Ramalho.

Dia 12—As meninas Ana Maria Gonçalves de Faria e Maria Fernanda Faria de Vilar.

Fazem anos:

Dia 13—D. Celina Pereira Portela e Antero Morgado Ferreira.

Dia 14—D. Cesaltina Mariz.

Dia 17—D. Maria Fernanda Rocha F. Neves e Joaquim Soares.

Dia 18—Manuel Reis Alves e António Maia.

Dia 19—O menino Sérgio Carlos Rodrigues Saraiva.

Deferidos

Pague-se

PAI, PERDOAI-LHES...

AO ler, no passado domingo e no tal « jornal para amigos », um artigo intitulado: « O Campista 5443 » apeteceu-me exclamar: « Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem »! Mas perante tal catadupa de asneiras não posso ficar calado. E como « corrigir os que erram » é uma Obra de Misericórdia, sejamos misericordiosos. Para ser mas sucinto e concreto, trabalharei por alíneas:

a) O autor do tal artigo, ou não percebe nada de Português ou pretende ser cómico.

1—Se não percebe nada de Português, que abra uma gramática e lá verá para que servem as aspas no discurso. Eu próprio poder-lhe-ia dar umas liçõesinhas, mas seria confiança de mais! (o indivíduo que foi para o hotel x, não fui eu, foi um suposto terceiro; aprenda a ler).

2—Se pretende ser cómico, isto é, se deseja fazer rir, poderia empregar-se num circo como palhaço. (Podia ser um bom futuro).

b) A respeito de « legítimo direito de defesa, etc... », quero apenas dizer-lhe que não estou disposto a ouvir lições de Moral. Vá prégá-las aos « amigos »; e como não tenho profissão, não ganho dinheiro, para poder pagar-lhas!

c) A respeito do 2.^o parágrafo do tal artigo « sem pés nem cabeça », quero dizer-lhe que nem sequer a confiança lhe dei de ler os meus artigos. O sr. foi o próprio a dizer-me que não os lera antes de serem publicados. (Concerteza leu; essa desculpa era realmente uma evasiva muito fácil).

d) A norma desse jornal é uma norma « sui generis » (sui=da direcção). Se o sr. não quisesse criar polémicas, não teria publicado a « tal carta ». Mostraria assim que o seu jornalito era de facto um JORNAL.

e) O facto de se ter ou não profissão não pode alterar a veracidade de certas afirmações. Uma profissão dar-lhes-ia mais valor e maior cunho de veracidade? (O poder discursivo e silogístico do autor, até causam dó!)

f) Não julgue que ao subscrever-me como « Um Campista » o tivesse feito por medo; longe disso. Aliás julgo ser bem conhecido do autor, até porque a sua Ex.^{ma} Esposa é minha prima. O sr. também não assinou. Mas vá lá; pela categoria dos frutos, não foi difícil conhecer a árvore.

g) Quando li: « O tal campista teimou na publicidade... », soltei uma gargalhada! Então o sr. pensava ter o monopólio da publicidade? Esta até parece anedotal!

(Continua na página 4)

Esposende e o seu Termo

PONTO FINAL

que aconteceu estava previsto. O Bernardino, que não teve talento nem generosidade de alma para apresentar o *Termo de Esposende* aos leitores de uma revista de interesse nacional — como outros autores têm feito das suas terras, tomando o *questionário* que a revista lhes envia por simples tópicos para um *artigo* autêntico —, também não teve talento para responder decentemente às palavras que me obrigou a escrever para lhe explicar (vã ilusão!) a razão por que manifestei a minha surpresa e o meu protesto.

Em vão eu evocionei o problema para obter uma explicação que me convencesse de que tinha sido honesta a sua primeira atitude.

Não responde a uma única das alíneas em que eu dividi metódicamente o problema. E, como eu o tinha avisado de que, se depois de tudo aquilo, julgasse ainda *infantil* a minha atitude, não tentaria explicar-lhe mais as razões da minha intervenção — sabedor de que costume cumprir a minha palavra — optou por insistir...

Assim ponho ponto final nesta questão.

O Bernardino teve essa *esperteza*, mas ao fim e ao cabo não teve talento... E como é teimoso (lá isso é!) insiste... e, vai daí, diz coisas que eu não entendo.

Por exemplo, na primeira coluna da sua prosa, diz: « Não fui eu quem mandou pôr o nome, ali, tão pomposo. É uma gentileza do « Mundo » que me penhorou, dado que se trata de uma « Revista » de « categoria e real valor ». Ora, na última coluna, já esquecido, diz o mesmo, ufano da sua valentia: « E só agora me recordo, que a resposta que dei à « Revista », também não é de autor anónimo! »

O homem, ao que parece, entrou em delírio, com fases lúcidas só para mentir e para mostrar a sua maldade.

Eu sei que entre a *doença* e o *pecado* há uma diferença. À primeira estou habituado por aprendizagem e caritativamente a entendo; ao segundo perdoo-o, mas castigo-o. O castigo aqui fica apontado: — esta é a última vez que eu pego no papel e na caneta para lhe responder ocupando algumas linhas das colunas deste jornal.

E a caravana passa...

O silêncio é a melhor resposta que posso dar-lhe.

— Porquê?

— Porque o Bernardino mente, porque pretende intrigar, porque deturpa posições e porque, agora, quer servir-se deste diálogo que eu, de boa fé, consenti, para atingir outros!

— Mente ao afirmar que eu atingi no coração, com uma bala (1), uma revista! Ninguém deu por isso, a não ser ele!

— Pretende intrigar ao querer apontar como menos correcta para com a Revista a atitude que desde o início tomei, quando só o seu trabalho objectivamente pus em discussão com lealdade e com fundas razões.

No entanto, pode o Bernardino estar descansado, porque a Revista está avisada desde a primeira hora!

— Deturpa posições! Aqui, a verdadeira psicologia do homem!

Quando da primeira vez se me dirigiu, alguém me disse que até parecia que lhe estava a dever muitos favores... Quem desta vez passar os olhos pelas suas palavras há-de ficar a pensar que é mentor! Mentor, ele que diz ter sido meu colega dos tempos do Liceu e a quem a fortuna do talento nunca favoreceu. Mas ousa assim dizer:

« Ainda não acertaste uma! »

« Já merecias uma surra. »

— Mas que pretensão! Que importância e que sumidade vai naquela pessoa!

Pena é que o Bernardino não seja da intimidade de um escritor-observador como Oscar Wilde ou Camilo Castelo Branco. Nele, que se julga o anjo dessas grandes, encontraria Camilo motivo para escrever uma edição melhorada de A QUEDA DE UM ANJO — se calhar não quer ser ministro, mas concerteza que se contentava com a presidência de uma Câmara; Wilde encontraria nele o motivo para escrever não A IMPORTÂNCIA DE SE CHAMAR ERNESTO, mas a de se chamar JOSÉ BERNARDINO AMÂNDIO.

Enfim, assim celebrizado, já poderia dar uma surra em quem quer que fosse — menos neste seu amigo que não lhe reconhece competência para o fazer e muito menos para o dizer assim presunçosamente.

Quanto ao espírito que descubro nas anedotas já uma vez aqui falei e desculpem-me que agora me ria com vontade.

« Tenho pena que os afazeres me não permitam brincar mais, por hoje » — diz o homem, que se julga *intellectual*...

Deixa-me rir e desabafar à moda egípcia — oh boi Apis!

A seguir diz ainda: « nós vamos continuar. Lá para Agosto ou Setembro estamos mais à vontade para brincar aos palavrões, ainda mesmo que seja a tratar de lavadouros e peixões. »

O Bernardino está enganado! Se quiser, que continue sozinho! — Ao terminar estas eu direi porquê...

E diz ainda: « E já que utilizaste como meio de atirar

PAI, PERDOAI-LHES...

(Continuação da página 3)

h) Nunca foi meu fito lançar o descrédito em quaisquer indústrias; aponte apenas umas coisinhas de que o sr. não gostou. Quanto a provas, ouça caro primo: o sr. não tem que meter o nari; onde não é chamado. A não ser que seja sócio da tal indústria.

É pronto; já gastei cera demais. A causa de tudo isto é eu não ter profissão; mas de dar umas liçozezinhas, sempre gostei. Se eu tivesse uma profissão definida, não daria tanta confiança, pois não me chegaria o tempo para corrigir as asneiras com que certos preenciosos julgam fazer literatura.

Um campista

Futebol

No passado domingo realizou-se, no campo de jogos Artur Sobral, um encontro de futebol entre o Fão F. C. e o Malta F. C., de Vila do Conde que terminou com a vitória do nosso grupo por 2-1.

balas aos outros, eu também farei o possível por te imitar.

Mente, e é maldoso ao tirar desonestamente a conclusão. Se eu tivesse necessidade de interpelar alguém, não me serviria de nenhum estranho e muito menos seria capaz de me servir do Bernardino!

Não lhe chegou o discernimento para entender o que tão leal e claramente expus nas minhas últimas palavras! Ou então é maldoso quanto basta para atraçoar a honestidade do acto de pensar! — Agora não sei, mas também não quero saber porque qualquer dos casos é lamentável e incurável!

Das suas manhas que faça uso como queira — mas se proceder como eu, dizendo leal e sinceramente o que pensa, certeza que dele não sairão balas, nem ninguém o censurará — até porque como ele, só ele!

Por tudo quanto disse, pode também estar descansado porque não insistirei mais em mais nada — não sei ser teimoso, mas concedo-lhe a teimosia como *qualidade nata*.

«*Dá-me a impressão que votas sempre com os que estão por cima*» — diz o gazeteiro pomposamente no alto da tribuna.

Ora, se é só impressão, podia o ilustre senhor, ficar com ela, porque feio chama-se ao insulto velado, à difamação venenosamente instilada! Quando se não tem a certeza do que se pensa, fica-se com a impressão guardada até à confirmação — é assim que faz quem é digno e honesto!

Por mim, não quero saber se o homem da casca gazil vota nos de cima ou nos de baixo, nos que utilizam a sua Tipografia ou nos outros! Não costumo desencaminhar a conversa! E a propósito:

— Agora dirijo-me ao meu colega de Liceu — da outra vez falavas de quem empenha honra e independência por meia dúzia de contos; pedi-te explicações e não mas deste! Desta vez falas de 6 contos, do balão, etc. — Mas isso é delírio ou que é? Olha que para outra vez, se te sai um que não seja direito, talvez tu não o fiques... Habitua-te a ser honesto e a falar com quem falas, sem evasivas!

Continuas a falar como quem sabe... intrigar e lançar dúvidas em quem lê! São maus processos de impressionar quem lê de boa fé!

Repara ainda que isso vai a tal ponto que naquilo que escreves não expões o problema de modo a que qualquer leitor possa compreender claramente a totalidade do problema. Chama-se a isso honestidade? Tu bem sabes — há boa meia dúzia de anos — porque não escrevo no teu jornal, nem estas palavras!

— Simples questão de coerência! Por isso devia esclarecer os leitores do teu *O Cávado* para compreenderem porque, neste caso e mais uma vez, optaste pela superioridade de que abusas...

Seja como for — fica-te com a tua superioridade que eu fico-me com a modéstia que mais estimo. Deixo o caminho livre à tua presunção!

E por aqui fico. Teimosamente podes continuar — és gazeteiro e tens *qualidades* para teimar, ainda!

E, por ser verdade, aqui vai a assinatura que eu exijo e que não é uma gentileza penhorante de *O FANGUEIRO!*

Hipólito Reis

Sobre cinema

É já tradicional a ida de muitos habitantes deste concelho aos espectáculos de cinema e teatro que se realizam na vizinha Póvoa de Varzim, mormente nos domingos à noite.

Lembramos que nesta época do ano, pelo menos, seria conveniente adiar-se para a 1 hora de segunda feira a carreira que todos os domingos às 21,5 horas costuma partir daquela vila para Esposende.

Como outra camionete sai do nosso concelho, em direcção à Póvoa às 19,5 horas, oferecia-se assim o ensejo para que os amadores de cinema podessem regalar-se com os prazeres da sétima arte.

Partida

Para o Brasil, parte no próximo dia 17 em companhia de seus filhos, a Sr.^a Gracinda Fernandes Gaifém.

A Rua das Pedreiras

Há tempos chamamos a atenção de quem de direito para o estado lastimoso em que se encontra a Rua Serpa Pinto.

Por mais de que uma vez insistimos no nosso apelo visto que de dia para dia esta rua se vai tornando intransitável.

Depois apareceram — não sabemos se por atenção às nossas reclamações — os cantoneiros que tentaram atenuar aquelas irritantes depressões com barro. E o barro deu efeito enquanto choveu e o tempo se apresentou mais ou menos húmido.

Voltou agora o calor e, acontecendo aquilo que logo muito preveram, deu-se o esboroamento daquela massa que se transformou numa areia suja e incómoda sempre que por ali passa um veículo em carreira. Ficou assim a Rua das Pedreiras pior do que estava.

É assim que se zelam os interesses dos habitantes locais?

Afinal a Pequena Imprensa é ouvida ou não é?

Vida escolar

Chegou a Fão, vindo do Seminário de Filosofia, de Braga, o jovem Francisco Cubelo Faria de Moraes, que, naquele estabelecimento de formação e ensino, concluiu o segundo ano do Curso de Filosofia.

— Chegou, também, o seminarista Manuel Real Narciso de Moraes, que terminou o 5.º ano de Estudos Menores dos Seminários Diocesanos, de Braga.

— Transitou para o 2.º ano, na Escola Industrial e Comercial de Barcelos, o menino Fernando Faria Vilar.

Felicitemos os aplicados estudantes bem como seus pais.

Farmácia Higiénica

Mudou para a rua de Conde de Castro, onde, com os maiores requisitos modernos e beleza arquitectónica ficou instalado este conceituado estabelecimento farmacêutico, pertencente ao prezado amigo Celestino Pires.

Está de parabéns a nossa terra e de parabéns está, também, o seu digno proprietário.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar neste número diverso original, do que pedimos desculpa aos nossos estimados colaboradores.

CINEMA

HOJE

PÓVOA-CINE

O Vagabundo de Montpamasse
com Gerard Philipe e Lili Palmer
17 anos

GARRETT

HOJE

O Vale era Verde
(6 óscaras)

com Walter Pidgeou e Maureen O'hará
12 anos

Coisas novas na Praia de Fão

Decorridos bastantes anos em que foram baldados os esforços empregados pelo GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO no sentido de obter das entidades oficiais a realização de alguns melhoramentos indispensáveis na nossa encantadora Praia, chegou, finalmente, o momento de alguma coisa se ver de novo e útil, mercê da iniciativa da actual Direcção do Grupo, que, pondo de parte vãs esperanças, se abalançou a realizar com os seus próprios e reduzidos meios aquilo que está feito, o qual, embora modesto, deverá satisfazer, até que, um dia, o plano de Urbanização da Praia de Fão resolva definitivamente o assunto.

Constituído por simples construções de carácter provisório, representa progresso o que se fez e por certo, vai proporcionar bem estar e comodidade às numerosas pessoas, que anualmente aqui estadiam, muitas das quais de longes terras para aqui vêm atraídas pelos encantos desta bela Praia e pelas belezas deste abençoado cantinho do nosso formoso Minho.

Embora com modestas realizações o GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO conseguiu resolver um problema que, há muitos anos, esperava solução: **a construção das indispensáveis instalações sanitárias.** E no desejo de mais realizar e proporcionar aos frequentadores da Praia maiores comodidades, aproveitou a oportunidade de levar a efeito vários melhoramentos que deverão contribuir para que a Praia de Fão se possa colocar a par de outras Praias do Norte de maior nomeada, pois, fica, para futuro, dotada com o seguinte, que muitas não possuem:

Higiénicas instalações sanitárias para Homens e Senhoras;

Cabine para lavabo;

Duas cabines para banhos de chuveiro;

Cabine para vestiário, na qual está colocado um «posto de primeiros socorros», devidamente apetrechado com o indispensável para urgentes tratamentos no caso de qualquer acidente;

Caixotes para recolha de lixo;

Bebedouro higiénico abastecido com água potável do Abastecimento de Fão.

E na ânsia de muito fazer de útil não podia o GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO esquecer aqueles que somente do alto da Praia se extasiavam a apreciar seu grande movimento e as belezas do Oceano, pelo que, para repouso desses, mandou colocar **três sólidos bancos** no fim da Avenida António Veiga, cuja falta de há muito se fazia sentir.

Muito mais tem o GRUPO no seu programa de realizações, pois, não está votado ao esquecimento o projecto da construção de um ringue de patinagem para recreio da mocidade, e outras iniciativas, de que, oportunamente, se falará.

Mas, **Roma e Pavia não se fixaram num dia...**, e, tendo-se reconhecido que se deveria principiar por aquilo que era mais urgente e indispensável, às realizações acima enumeradas se dedicou a Direcção do GRUPO com o maior afinho e interesse, para que tudo estivesse pronto a tempo de ser utilizado na época balnear deste ano.

Para conseguir realizar o mais que tem em projecto confia o GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO no apoio de todos os Senhores Banhistas, a fim de resolver a parte financeira, pois, foram avultadas as despesas dos dois anos de 1958 e 1959, e o GRUPO precisa reunir os meios necessários para poder pôr em prática os seus anseios e aspirações.

Apresentando a toda a distinta Colónia Banhista as suas saudações, a Direcção do GRUPO DOS AMIGOS DE FÃO aproveita a oportunidade para dirigir um apelo a todos os frequentadores da nossa Praia, rogando aos que são sócios do GRUPO que lhe prestem o seu auxílio, aumentando as suas quotas e angariando novos sócios; e aos que o não são, que façam a sua inscrição, dirigindo-se para isso a qualquer dos membros da Direcção, Armando Almeida, Augusto Taxa e Miguel Fernandes de Almeida, que, na Praia, se encontram sempre dispostos a atender quem se lhes dirija, ou na Secretaria provisória do GRUPO na rua Azevedo Coutinho, N.º 34.

Terminamos, bradando bem alto:

AVANTE POR FÃO E PELA SUA ENCANTADORA PRAIA!!!

Julho de 1956.

A Direcção do Grupo dos Amigos de Fão

Livraria MINERVA

Rua 5 de Outubro, 15

— Telefone 333 —

PÓVOA DE VARZIM

Livraria-Papelaria-Artigos

Religiosos-Material Escolar

A mais recente e atraente

Livraria da Póvoa.

Descontos aos Srs. Professores

Falecimento

No passado dia 2, faleceu, de doença que não perdoa, o Sr. Carlos Gonçalves Moledo, de 53 anos.

O finado era casado com a Senhora Luzia Martins Reis, e era pai das Srs.^{as} Adelaide, Palmira, Maria, Luzia e Virgínia Reis Moledo e do Sr. António Reis Moledo.

O *Fangueiro* apresenta a toda a família sinceras condolências.

A passagem do Senhor Presidente da República

(Continuação da página 1)

reia de Oliveira, secretário de Estado do Comércio e à esquerda pelo prof. Antunes Varela, ministro da Justiça e dr. António Abranches, governador civil de Braga.

A saudação do presidente do Município

O presidente da Câmara M. de Esposende pronunciou, então, o seguinte discurso:

« Senhor Presidente:

Excelência,

A Câmara Municipal de Esposende, no momento em que se aproxima do seu termo a viagem triunfal de Vossa Excelência ao distrito de Braga, distrito de onde partiu, em boa hora, a Revolução Nacional, deseja estar à altura da responsabilidade pesada de « fechar » este gratíssimo fasto « com chave doiro ». Por isso aqui se deslocou, acompanhada de todas as autoridades concelhias, e de uma grande parte da sua população (aquela que teve a felicidade de poder deslocar-se), para, com a solenidade possível, saudar Vossa Excelência e o Governo do providencial e querido Chefe — Salazar — aqui tão dignamente representado.

Além disto, tem o concelho de Esposende especiais responsabilidades quando sauda e cumprimenta mui respeitosa e humildemente Vossa Excelência. Esposende é a terra natal do senhor secretário de Estado do Comércio, membro mui ilustre do Governo da Nação, a quem já todos os portugueses devem inestimáveis serviços e de cuja inteligência e dedicação ao bem comum muito esperam ainda. Esposende orgulha-se também de possuir intra-muros esse excepcional espírito e coração — o altíssimo Poeta da Raça António Corrêa de Oliveira — que após longa e luminosa caminhada, repousa aqui pertinho no seu Solar de Belinho. Ele me pede que dirija as suas melhores saudações a Vossa Excelência. E como se não bastassem estes dois Homens Ilustres (Filho e Pai) para encher de justificado orgulho o concelho, ainda possuímos outra personalidade muito ilustre, o grande pintor Henrique Medina, que tanto tem honrado os portugueses dentro e fora do País e que se honrou e nos honrou, mais ainda, pintando magistralmente o retrato de Vossa Excelência.

É consciente de estas responsabilidades que a Câmara da minha presidência apresenta, em nome do concelho os mais respeitosos cumprimentos a Vossa Excelência a que peço licença para juntar os meus pessoais mais respeito-

sos, todos extensivos à digníssima esposa de Vossa Excelência.

Minha Senhora, recordando que faz hoje pouco mais de 107 anos que a este mesmo local a Câmara de então se deslocou para cumprimentar Sua Maj. a Rainha Senhora Dona Maria II. Poderia ter havido nessa altura (e os documentos no-lo afirmam) muita solenidade e entusiasmo. Mas, senhor almirante Américo Tomaz, numa terra de tão boa gente e de pobres e humildes pescadores, homens do mar, nunca poderia ter sido essa homenagem nem mais sentida nem mais sincera. E porque sincera e porque, a partir do momento em que Vossa Excelência, no seu felicíssimo discurso proferido na sessão de Boas-vindas na Câmara Municipal do Porto, nos deu a certeza de querer auscultar algumas ansiedades dos povos que se honram de o ter por Chefe, peço licença para lembrar a ocasião ainda pouco distante no tempo em que eu tive o prazer e honra de pedir pessoalmente a Vossa Excelência, na sua qualidade de Ministro da Marinha e de Homem de carinhosa boa vontade, a dedicada colaboração para a solução de dois importantíssimos problemas — o porto de pesca e a indústria de construção naval da terra de grandes tradições marítimas que foi detentora, em tempos infelizmente já remotos, de um dos portos de mar mais importantes do Norte do País. Vossa Excelência, como sempre, foi de uma amabilidade e cortezia tais, que, juntas às igualmente excepcionais qualidades de compreensão e boa vontade do senhor Ministro das Obras Públicas, Cidadão Honorário de Esposende, e a quem já tanto e tanto devemos, nos permitem ficar com a certeza de que, pelo menos, algumas obras de mais importância se realizarão no porto de pesca, uma vez que, não obstante os esforços de todos, não foi possível incluir o porto de Esposende no II Plano de Fomento.

Em nome dos pobres mas bravos pescadores de Esposende, marinheiros de lei, desde já agradeço.

Para terminar este para nós honrosíssimo e agradabilíssimo encontro com Vossa Excelência, é com o coração aberto que pedimos licença para ofertar esta modestíssima lembrança a condizer com a terra pobre mas honrada que se orgulha de ter Vossa Ex-

celência « intra-muros », fuzadamente embora, e desejar-lhe os maiores êxitos no desempenho da mais alta Magistratura da Nação e as maiores prosperidades pessoais. Deus guarde Vossa Excelência!

Viva Portugal!

Viva o almirante Américo Tomaz!

Viva Salazar!

Artísticas lembranças para o sr. almirante Américo Tomaz

Foram após, e por entre ovações entusiásticas, ofertadas diversas prendas ao Chefe do Estado, entre elas um album, toalhas com bordados regionais, um livro, ricamente encadernado, com versos de saudação do poeta de Deus e da Pátria António Corrêa de Oliveira e diversos produtos da Fábrica de Lacticínios de Marinhãs.

O sr. Presidente da República, sensibilizado com tantas manifestações de carinho e simpatia, agradeceu, num breve improvisado, a apoteótica recepção que pelo concelho de Esposende lhe foi prestada no limite do distrito de Braga e referiu-se à maneira carinhosa e entusiástica como foi recebido em todas as terras bracarense, terminando por dizer que num abraço a da em seu nome pelo presidente da Câmara ao Poeta de Belinho, ia também a sua gratidão a todo o povo esposendense.

Seguidamente, por entre ovações vibrantes a Portugal e ao Estado Novo e sob uma autêntica chuva de flores, o sr. almirante Américo Tomaz dirigiu-se à estrada nacional, onde se reorganizou o cortejo em direcção a Viana do Castelo.

Com esta visita do Supremo Magistrado da Nação a Esposende rememoramos, em imaginação, outras idênticas em entusiasmo e vibração popular de que os nossos avós nos falaram, nos serões à lazeira em longas noites de inverno: as visitas feitas pela rainha D. Maria II e pelo rei D. Carlos, esta na vizinha freguesia de Feitos, do concelho de Barcelos, durante uma concentração de forças armadas.

Muitas coisas belas e saudosas os presentes hão-de contar aos vindouros, igualmente, desta principal manifestação ao sr. almirante Américo Tomaz, ilustre Marinheiro e aclamado Chefe do Estado, tão querido e amado de todos os portugueses!

Manuel Gonçalves de Moraes

Deste nosso querido Amigo, que se encontra no Rio de Janeiro onde exerce a sua actividade, recebemos algumas revistas brasileiras e palavras de muita consideração e estima dirigidas ao nosso jornal.

Agradecemos a oferta e desejamos para si e Ex.^{ma} Família as maiores prosperidades.

DE APÚLIA

Dentro de breves dias vai ser iniciada mais uma nova época balnear, e nós não poderemos deixar de focar certos aspectos que dizem respeito à zona da praia. Não há dúvida, de que o lugar da Areia, de ano para ano, aparece-nos aos nossos olhos mais remozado. Possui até alguns edifícios, que não ficariam mal em qualquer Vila ou mesmo Cidade, mas tudo pertence exclusivamente à iniciativa particular.

Pena é que na parte da zona da praia exista uma área de terreno própria para jardim, « em tempos já o foi » não seja devidamente aproveitada, para o efeito. Também a luz nesse local é deficiente, e alguns globos não ficariam nada mal. Nota-se que em certas zonas da praia que para muitas pessoas qualquer local lhes serve para deitarem para a rua, aquilo que julgam de nada lhes servir, e quase sempre mais perto da casa dos vizinhos, do que da sua própria casa; no entanto isto pode ser extensivo aos restantes lugares da freguesia, simplesmente aqui é mais visível.

Ora isto além de dar uma nota da falta de noção dos deveres que qualquer cidadão tem para com os seus semelhantes, no que respeita a limpeza, dá outra nota de pouca educação, e até mesmo de despeito pelos outros.

Tudo isto não passa de alvíres, que estamos convictos, à semelhança de outros não terão o devido seguimento, mas nesse aspecto nada temos a ver, apenas lembramos o que é necessário e útil para o desenvolvimento desta terra.

C.

O ENTERRO

(Continuação da página 6)

Mas o ti'Diogo não fora apenas o pai carinhoso dos « órfãos » da minha rua; eu crescera e estudei um pouco o íntimo daquele velho vagabundo e simpático. Compreendi, sobretudo, o Homem simples mas inteligente que ele era. O ti'Diogo era um desses homens que se sacrificava pelo semelhante, que sofrem o seu sofrimento e encorajam a sua cobardia. Ele conhecera a guerra, sentira toda a sua monstruosidade repelente e dela recebera uma lição esmagadora mas necessária.

Em vão tentou fazer sentir aos outros essa Lição; ninguém a quis ouvir. Todos se refugiavam na sua comodidade, sem pensarem que a sua indiferença iria atirar aquele homem, pouco a pouco, para a solidão su-

focante que só os falhados conhecem...

A história simples do ti'Diogo é muito difícil de contar. Por isso eu só direi crua e simplesmente que esse velho enlouqueceu numa cela nua e fria, aparecendo, pouco depois, queimado pelo seu próprio colchão.

Macabro fim que a sua loucura concebera.

*

Sim, era um verdadeiro Homem aquele velho que saía duma cadeia para o cemitério, sem ninguém... Fui eu a única pessoa que o seguiu até à última morada. E ao vê-lo descer para o coval, eu não compreendi bem o que senti naquele instante: se uma tristeza, se uma saudade ou se uma estranha humilhação...

Novembro de 1958.

Leia e assiné O FANGUEIRO

EXTERNATO INFANTE DE SAGRES ESPOSENDE

Com magníficas classificações passaram nas suas provas escritas os alunos do 2.º ano do Externato Infante de Sagres, como se pode ver pela lista que a seguir publicamos:

		valores
Agostinho Penteado Neiva	— Dispensado	— 16
Alexandre D. Rosa Faria	— »	— 14
Artur J. Ramos Barrote	— Aprovado	— 13
Fernanda Marques Filipe	— »	— 12
Fernão Ramos Barrote	— »	— 13
João Maria S. Faria	— »	— 12
Joaquim Alberto Peixoto	— Dispensado	— 15
José Albino Alves Faria	— »	— 15
José Eduardo S. Felgueiras	— Aprovado	— 13
Manuel Cruz A. Ataíde	— Dispensado	— 15
Maria da C. Fernandes	— Aprovada	— 12
Maria Irene de F. Morais	— »	— 13
Maria Helena M. de Sá	— »	— 13
Maria Júlia S. Loureiro	— »	— 12
Maria Rodrigues Gonçalves	— »	— 11
Mário S. Ferreira	— Dispensado	— 15
Mário Nelson Filipe	— »	— 15

A todos os alunos bem com ao seu Director e Professores, as nossas felicitações.

DA MARGEM DIREITA

«Hua pessoa poderosa», protectora da Barca do Lago

Pelo Dr. E. R.

MAIS ou menos extensamente, em crónica passada, ficamos a conhecer os passos mais importantes da questão entre a Irmandade de Nossa Senhora da Barca do Lago e a Câmara Municipal de Espoende, em meados do século XVII.

Pelo seu desenrolar tivemos ensejo de apreciar duas forças frente a frente. Duas pessoas distintas, em terreiro, a discutir um caso de jurisdição.

Na luta venceu a Irmandade. Mais forte pelo direito e pela razão, acabou por levar a melhor em relação à Câmara, pessoa pública, sem dúvida mais poderosa. Para tanto, é indubitável que concorreu, e não pouco, uma terceira pessoa.

Por mais de uma vez ao longo da questão ela é referida. Mas sempre como que envolta em mistério, só a conseguimos conhecer por «hua pessoa poderosa». A Câmara de Espoende acusa-a de exercer pressão sobre os homens que serviam a passagem do Cávado na Barca, levando-os a decidir nem sempre pelo melhor. E de certa vez, até, aponta-a como conselheira da Irmandade no litígio.

Tudo isso é de aceitar. Na verdade, bom é dever que, entre os homens do povo, membros da Confraria da Barca do Lago, a voz de um senhor poderoso seria sempre ouvida e a sua opinião aceite com respeito. De mais, é altura de o dizer, o senhor era juiz da Confraria e «ahí circunvezinho».

O auxílio que, segundo todas as probabilidades, emprestou à questão, compreende-se, dada a desproporção das forças contendoras. Apoio moral e dinheiro, eis as duas coisas de que a Irmandade mais necessitava e que «hua pessoa poderosa» com certeza deu. Mas não mais que isso, pensamos.

Certos de que houve um protector, restamos dizer-lhe o nome. Pela questão ficamos a saber que ele era um dos juizes da Confraria da Barca do Lago e que vivia perto da passagem do rio. Mas só isso e mais nada.

Quanto ao nome, silêncio total. A falta de documentos pertencentes à Confraria aumenta a dificuldade. Com estas reservas, uma data conhecida é que nos vai servir de ponto de referência.

É o ano de 1635. Por todo ele se estende a questão entre a Irmandade e a Câmara. Quem, então, teria sido o senhor, juiz da Confraria e seu vizinho, que empregou o seu valimento e certamente o seu dinheiro, no litígio com a Câmara de Espoende?

Não há dúvida de que se há-de procurar por perto, entre a fidalguia local. E assim, e com a maior probabilidade, a pessoa poderosa era o Senhor da Quinta e Honra de Palmeira do Faro, com solar a dois passos da passagem do Cávado na Barca do Lago. E nesse ano de 1635, ele chamava-se Pedro Carneiro, bisneto de D. Filipa Martins e Pero Afonso Leça, senhores da dita Honra a partir de 5 de Outubro de 1552, por compra a Tomé de Sousa, primeiro governador do Brasil.

Espoende, 6 de Julho de 1959.

Director da Estação Rádio Naval de Apúlia

Assumi a Direcção da Estação Rádio Naval de Apúlia o 2.º Tenente Snr. Telmo Rego Hasse de Oliveira.

O FANGUEIRO apresenta ao distinto oficial os seus melhores cumprimentos de boas vindas.

PÁGINA INCOMPLETA DUM DIÁRIO

Por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

COIMBRA: Um dia qualquer do mês de Junho de 1959 — ... O foreiro pagando a renda ao enfiteuta. O usurário, de cabelos soltos, exigindo o seu direito de compásco. Os credores passando pelo prédio alheio, saltando sebes e muros ao abrigo das servidões. Wália, rainha dos bretões, com as 12 tábuas na mão, pronta para partir a cabeça a Domiciano. Una «lex data» concedendo a liberdade aos portugueses através da constituição de 1822. O Visconde de Seabra apanhando um valente pontapé do Almeida e Sousa e caindo pelas escadas do Forum romano. Os artigos todos de pernas para o ar. Os números todos às avessas. Insígnies, solenes, pomposos, esperando-me de espingardas carregadas, os grandes mestres prontos a fuzilarem.

Tudo baralhado. E porquê? Oh, porquê!

... Abafa-se dentro do quarto. Sebentas, livros e tratados numa enorme pilha. Ter que conhecer os nomes dos insígnies senhores que há dezenas e dezenas de séculos governavam as velhas Romas de multidões de escravos, cristãos lançados às feras e homens prostrados ante a tirania de reis filhos de reis e ditadores filhos de ditadores. Ter que saber de ponta a ponta os artigos tais e tais e a história de milenárias instituições. Ter que decorar tudo isto, e o resto, o infundável resto...

E, ali ao lado, livros, revistas, jornais, papel branco esperando o sangue fecundador da caneta e, acima de tudo, vagueando por alturas inultrapassáveis, a voz dos poetas: «No plaino abandonado / que a morna brisa aqeece»... «Se vim ao mundo, foi / Só para desflorar floresitas virgens, / E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada! / O mais que faço não vale nada.»... «Senhor, deito-me na cama / Coberto de sofrimento; / E a todo o comprimento / Sou sete palmos de lama: / Sete palmos de excremento / Da terra-mãe que me chama.»... «Para ti a sagrada angústia de contar!»... «E a noite cresce apaixonadamente. / Nas suas margens vivas, desenhadas, / Cada homem tem apenas para dar / um horizonte de cidades bombardeadas.»...

E lá fora, céus azuis sem manchas. Crianças de rostos puros que ainda sabem chorar lágrimas, rir risos e sorrir sorrisos. Aves e flores. Bêbados e loucos. Pobres e presos. Homens livres e outros que o sonham ser. Charnecas e ruas, Rosas e homens, meus irmãos...

O ENTERRO

Por VALEIXO

À QUELA hora ninguém transitava naquele lugar, embora a noite não tivesse ainda descido. Era um fim de tarde de Inverno, dessas tardes cor de chumbo que por vezes nos fazem tristes e encham de tristeza a nossa imaginação.

Não sei o que me levou a passar naquela estrada escura e quase desconhecida. Sei apenas que se passaram já alguns anos e que um acontecimento singular, nessa tarde de Inverno, ainda hoje me assiste com curiosa nitidez.

Um prédio alto e escuro, de assombrado aspecto, era o único que marginava essa estrada. Quem por ali passa logo distingue a diferença daquele prédio entre qualquer outro: era um aljube que ali estava mergulhado num estranho silêncio. Um ruído seco, vindo da enorme porta da prisão, fez-me voltar, e foi então que eu reparei que dessa porta saía um enterro.

Temo errar ao dizer que era de facto um enterro que eu via: uma urna, segura por quatro homens, saía com efeito, para a estrada deserta. Mas além desse caixão negro, desses quatro homens tão silenciosos como o defunto, eu nada mais vi que me desse a certeza de que era efectivamente um enterro que partia daquele sombrio aljube.

Aproximei-me e perguntei a um desses homens o nome daquele defunto esquecido. E ainda hoje recordo a funda tristeza que senti ao reconhecer quem ia ali abafado, sem um único parente, sem um único amigo que o acompanhasse ao último poiso.

O velho, o bom tí'Diogo saía duma cadeia para o cemitério, sem um carinho, sem uma flor... Um velho que contava lindas histórias aos meus amigos de infância, a todos os rapazes da minha rua. Um homem que amava as crianças, que as maravilhava com as aventuras extraordinárias que lhes compunha, histórias como só ele sabia contar...

(Continua na página 5)

História Lendária Peninsular

Por A. FILIPE

4

COMO Sic Ulo não deixasse filhos, Testa foi proclamado 19.º rei da Península. Datam deste tempo as aventuras

«...do magano Jove
Que do sétimo céu atrás das moças
Vem andar a correr por este mundo.»

Primeiro, mudou-se em touro branco e foi raptar a formosa filha de Angenor quando colhia flores no jardim. Noutra ocasião, mudou-se em chuva de ouro para entrar numa torre e seduzir uma outra donzela — a loura Dánae cujo por Acrúcio a fechara a sete chaves, ao saber dum oráculo que iria ser morto por um neto. Pois, nem a este perdoara o maganão do Júpiter! Dánae teve um filho — Perseu que, além de matar o avô, foi o progenitor de Anfítrio que o trapaceiro ainda teve o desplante de ir gozar à própria casa. Remeto os meus leitores para o «Auto dos Enfatriões», de Luís de Camões.

A Testa sucedeu Romo, 20.º rei da Península. Foi durante o seu reinado que os exércitos de Baco entraram na Península. Era um exército singular! Não tinha menos homens do que mulheres. Moço ou donzela que desejasse vida fácil e pouco trabalhosa bastava incorporar-se no bando que por onde passasse logo cativava a juventude. Gastavam mais tempo em bambochatas e orgias do que em afiar as espadas. As 9 mais formosas Damas constituíam a roda de Baco. Eis a origem da fábula das bacantes, mulheres embriagadas e semi-nuas entregues a danças lascivas e fesceninas.

A princípio, os espanhóis receberam-no. Mas depois deixaram-se atrair e seguiram Baco. E fundando a cidade de Nebis, veio até às praias da Lusitânia. Aquele não foi bem recebido. Os lusitanos atacaram-lhe o exército na retaguarda. Enfurecido, Baco tê-los-ia massacrado se o seu aio, Syleno, o não aconselhasse à brandura. E para lhes ganhar a afeição, presenteou-os com vestidos de cores muito vistosas.

Entretanto Romo, cheio de medo, resguardava-se na Andaluzia. E como os lusitanos recordassem ainda saudosamente o rei Luso, Baco fez-lhes compreender que o seu filho Lísias era Luso ressuscitado. Os parvajolas dos lusitanos comeram-na e aclamaram Lísias que, à morte de Romo, foi o nosso 21.º rei. Muito afável e bondoso, embora muito lascivo e corrompido. Ensinou a arte de fabricar cerveja.

Morto Lísias, os andaluzes aclamaram Palatuo, filho de Romo e os lusitanos aclamaram Licínio. Deu-se a guerra civil. O vencedor foi Licínio que, a breve trecho, se revelou um feroz tirano. Sabedor disto, Palatuo reúne os descontentes, organiza um novo exército e conseguiu destronar Licínio, que, sob o nome de Caco, fugiu para a Itália. A Eneida fala desse monstro.

Licínio foi pois o nosso 22.º rei e Palatuo, o 23.º.

À sua morte, o ceptro foi dado a seu filho Eritreio, 24.º rei da Península. Durante o seu reinado, inventaram-se as colmeias. A invenção deve-se a um tal Gorgoris que, passeando pelos campos, viu as abelhas a entrar num buraco do tronco duma árvore. Foi ver e encontrou favos de mel. E pronto! Começou a vender mel. E o homem enriqueceu tanto e tornou-se tão popular que, morto Eritreio, Gorgoris foi clamado Rei — o 25.º rei da Península. Belos tempos! Por uma gota de mel comprar um trono.

Foi neste tempo que se deu a tragédia de Édipo. Um oráculo vaticinou a Laio e Jocasta que se livrassem de ter filhos. Daí a meses nascia-lhes o infeliz Édipo que foi logo abandonado nos montes. E mais tarde Édipo matou o pai, casou com a mãe que se enforcou de vergonha e ele mesmo arrancou-se os próprios olhos.

Visado pela Comissão de Censura